

Espectrologia da Aids

"É preciso falar do fantasma, até ao fantasma e com ele, uma vez que nenhuma ética, nenhuma política, revolucionária ou não, parece possível, pensável e justa, sem reconhecer em seu princípio o respeito por esses outros que não estão mais ou por esses outros que ainda não estão aí, presentemente vivos, quer já estejam mortos, quer ainda não tenham nascido. Justiça alguma parece possível ou pensável sem o princípio de alguma responsabilidade, para além de todo presente vivo, nisto que desajunta o presente vivo, diante dos fantasmas daqueles que já estão mortos ou ainda não nasceram, vítimas ou não das guerras, das violências políticas ou outras, dos extermínios nacionalistas, racistas, colonialistas, sexistas ou outros, das opressões do imperialismo capitalista ou de todas as formas do totalitarismo. Sem essa não-contemporaneidade a si do presente, sem isto que secretamente o desajusta, sem essa responsabilidade e respeito pela justiça com relação a esses que não estão presentes, que não estão mais ou ainda não estão presentes e vivos, que sentido teria formular-se a pergunta 'onde'?, 'onde amanhã'?" Jacques Derrida

Antes de mais nada, é preciso que eu confesse que não durmo bem com os espectros. Esses quase-seres não abandonam minha mente um segundo sequer. Um dos últimos que me perseguem é o de um garoto que se suicidou após ter descoberto ser "portador" do vírus HIV. O "portador" vem entre aspas porque como alguns sabem, este projeto tem como único fim, ao menos por enquanto, suspender certas noções médicas sobre a "doença" e o "vírus". Também existe um compromisso muito sério com as pessoas que foram "localizadas" pelo Biopanóptico, no sentido de que não se trata de dizer muito simplesmente: "a Aids é uma farsa", "pare seus medicamentos e faça de conta que nada disso aconteceu com você". Em nenhum momento faço essa afirmação. Já mencionei anteriormente que existe um corpo médico dissidente que se encarrega dessa tarefa. O que cabe a mim é, dentro do que proponho, trazer para o campo do que chamamos de ciências humanas, esse tipo de saber e linguagem que está capturada pelo domínio médico e, a partir dele, provocar uma série de abalos sísmicos no que tem sido estruturado em termos de políticas "lgbt". Esse

próprio conglomerado, esta ilha identitária, submergiu no mar de sangue "contaminado".

Tenho me surpreendido com a quantidade de artigos que pude encontrar a partir da lógica dissidente. Não reclamam este *status* de *contraconduta* e não partem dessa lógica genealógica/arqueológica que, muito simplesmente, pretende ligar os fatos econômico-políticos com a emergência desse saber. Não faltam portanto vetores desse conhecimento que chamo de dissidente, mas ainda sinto que as descontinuidades não foram vasculhadas, não montamos, em outras palavras, o quebra-cabeça da Aids.

Nos vemos diante de uma situação bastante complexa, na qual não existe uma linguagem forjada da dissidência, é um processo em andamento. Há certamente uma linguagem médica da dissidência, que fala nos próprios termos e conceitos criados pela hegemonia, da qual pretendemos nos apropriar e utilizar. Tive a necessidade de me deter sobre essa questão espectral porque, ao falar da Aids, inevitavelmente convoco os espectros dxs que foram

assassinadxs pelas tânatotecnologias. Não se trata de que eu esteja falando ou mesmo possa falar pelas vítimas do holocausto queer (utilizarei queer para me referir às pessoas não heterossexuais de forma geral, ainda que, em sua grande maioria, as vítimas da década de oitenta tenham sido localizadas identitariamente como homossexuais masculinos), mas sim, de reafirmar essa grande dívida com quem morreu e com quem vive com o estigma.

Por que "Espectrologia"?

"Importei" de Derrida esse conceito de *espectro* para profundizar e complicar um pouco mais essa questão do sujeito que fala. Eu que vos escrevo falo em uníssono, desse tropo neutro ou, se não neutro, que diz respeito apenas ao que emana de minha subjetividade? Ainda que subjetivo, que sujeitos habitam essa subjetividade, falam através e por ela, assombram e a povoam de forma que seria possível dizer que são sujeitos subjacentes ou antes, "subsujeitos"? Vocês poderão notar que essa lógica espectral é tão pouco palpável quanto o próprio espectro, mas não chega a ser puramente metafísica,

uma vez que sua herança tem a paupabilidade da linguagem. Não esta, inspirada pelo deus todo poderoso, mas a de atorxs políticos, sujeitxs que jazem no limbo discursivo desse parágrafo mesmo. Sem mais delongas, este ente presente sem presença, que ronda, espreita, vigia e que, em momentos oportunos, chega a se materializar no discurso, o que seria o espectro para Derrida? Para ele, o espectro é:

"[...] uma incorporação paradoxal, o devir-corpo, uma certa forma fenomenal e carnal do espírito. Ele torna-se, de preferência, alguma 'coisa' difícil de ser nomeada: nem alma nem corpo, e uma e outra. Pois a carne e a fenomenalidade, eis o que confere ao espírito sua aparição espectral, mas desaparece apenas na aparição, na vinda mesma da aparição ou no retorno do espectro. Há desaparecido na aparição como reaparição do desaparecido. [...] É alguma coisa, justamente, e não se sabe precisamente se isto é, se isso existe, se isso responde por um nome e corresponde a uma essência. Não se sabe: não por ignorância, mas porque esse não objeto, esse presente não presente, esse estar aí de um ausente ou de um desaparecido não pertence mais ao saber. Pelo menos não mais ao que se acredita saber sob o

nome de saber. Não se sabe se está vivo ou morto."
DERRIDA, Jacques. Espectros de Marx: O estado da
dívida, o trabalho de luto e a nova Internacional.
Rio de Janeiro: Relume - Dumara, 1994.p. 21

Assim também se posicionam esses sujeitos-espectros que habitam esse texto, que falam dele, desaparecem a medida que se insinuam, são imanentes ao texto, são responsáveis pela razão mesma da existência dele. O retorno de uma volta jamais concluída, de uma ida nunca completamente efetivada. Os espectros da Aids rondam cada gesto, cada discurso que se cria sobre ela (a doença) e sobre eles (os espectros), nos inquietam a cada pequeno deslize de um higienismo levado a patologia. Como "perdoar", por exemplo, o que disse a revista Veja: "**Cazuza**, vítima da **AIDS** agoniza em praça pública", publicada no dia 26 de abril de 1989. Que obrigação ética deveríamos ter com esses espectros que nos assombram, que não nos deixam nunca esquecer que estamos inevitavelmente marcados por essa tecnologia discursiva, ou melhor, que somos, após seu ritual de enunciação, produzidos a partir do que esse saber-poder disse sobre nossas

subjetividades? Fomos, umx a umx, definidxs, localizadxs e vigiadxs pelo Biopanóptico. Gosto da resposta de Derrida, resposta que ele mesmo formula para sua ética espectral e que acredito ser bastante pertinente para o que propomos em relação à Espectrologia da Aids:

"Ser justo: para além do presente vivo em geral - e de seu simples reverso negativo. Momento espectral, um momento que não pertence mais ao tempo, caso se compreenda debaixo desse nome o encadeamento das modalidades do presente (presente passado, presente atual: 'agora', presente futuro). Estamos questionando neste instante, estamos nos interrogando sobre este instante que não é dócil ao tempo, pelo menos ao que assim chamamos. Furtivo e intempestivo, o aparecimento do espectro não pertence a este tempo, ele não dá tempo, não este: 'Enter the Ghost, exit the Ghost, re-enter the Ghost' (Hamlet)."

Assim resumimos, com Derrida, nossa obrigação ética ao falar dxs e axs fantasmas da AIDS, esses espectros presentes, sem contudo poderem ser tocadxs. Aos vivos

e vivas e vivxs que foram localizadxs e xs que estão porvir. De que forma podemos minar esse discurso que estabeleceu seus entornos e limitou nossas subjetividades? Por enquanto, nossa aposta modesta tem sido revisitar o sítio arqueológico dos discursos produzidos após todo esse tempo, para inquirir, já com a criticidade da teoria queer, sobre as continuidades entre os enunciados que possibilitaram a cristalização da “verdade” sobre a Aids.

Nesse exercício de revistar o tempo e vasculhar os fatos falamos, da última vez, em *As formações discursivas e a totalidade inacabada do presente*¹, das origens do que poderíamos chamar de "*política genderbender*" ou "*política communitas*", no que foi, talvez, a "primeira onda" da *contra-conduta sexual*. Certamente que ainda há muito que se vasculhar, pois nos centramos especialmente nos fatos mais diretamente ligados ao final da década de cinquenta, sessenta e setenta. Todo um cenário macabro de experimentação científica se deu entre a primeira e segunda guerra mundial e especialmente após seu

1. <http://contracondutasdaaids.blogspot.com/2015/03/as-formacoes-discursivas-e-totalidade.html>

término. Tecnologias panópticas e de alteração do comportamento, que sem dúvida precisam ser melhor estudadas. Uma voz que foi efeito direto dessa preocupação pós-guerra e da ampliação das tecnologias panópticas foi Aldous Huxley², um dos gurus da contracultura nos EUA.

Em todo caso sinto que não poderia simplesmente cair de para-quedas na década de oitenta sem passar, ainda que superficialmente, por alguns dos fatos políticos que levaram ao irrompimento da Aids ou que, em todo caso, a precederam. Procurei mostrar que esse acontecimento sísmico, essa tecnologia panóptica que foi a AIDS, teve que ver com um cenário muito peculiar de deterioração da ideologia burguesa, que talvez estejamos mais uma vez observando, com o afrouxamento dos mecanismos punitivos da AIDS; uma vez que ela se tornou, após os anos 2000, uma tecnologia de controle. Pretendo falar mais a esse respeito no decorrer de minhas análises (ou melhor, minhas fritações), mas caberia agora voltar mais uma vez nosso olhar para o momento em que o Biopanóptico

2. http://culturadigital.br/contraculturadigital/files/2012/02/Aldous_Huxley-As_portas_da_percepcao.pdf

faz sua primeira investida. Já resgatamos, aqui³, a fala da então secretária de saúde dos EUA em 1984, mas esse foi o momento em que um conjunto específico de médicos e cientistas, a serviço do Estado e de seus interesses (quanto a isso não tenho a menor dúvida), "capturaram", por assim dizer, os efeitos da tecnologia da carne e a transformaram em tecnologia discursiva. O que precedeu a verdade médica senão a verdade religiosa?

0 Chicote que acorda os recalitrantes

Eis que novamente, Deus, o Todopoderoso, se vê às avessas com o mesmo grupo de criaturas que o forçaram a cobrir uma pequena cidade, certa vez, com lava vulcânica. Com o passar dos tempos e das eras, essas pessoas se tornaram mais bem conhecidas, portadoras de trejeitos, marcas do demônio que os denunciavam pela voz. Certamente, a mesma vaidade e lascívia que tornou Satanás a mais bela travesti entre todas as anjas. As seguidoras de Lúcifer, desde o advento da

3 <http://contracondutasdaaids.blogspot.com/2015/03/era-uma-vez-aids.html>

psiquiatria no século XIX, eram facilmente notadas pelo seu charme desviante. Em todo caso, na época de Ló, em Sodoma, elas eram mais difíceis de ser identificadas; talvez por isso, Jeová acabou fazendo um bom churrasco de todxs, já que a psiquiatria não havia podido ainda lhe ajudar. Como já sabemos, em Sodoma, o castigo era pelas práticas sexuais e não pela identidade de gênero, não havia naquela época homossexuais. Tampouco havia heterossexuais, não se esqueçam desse pequeno detalhe. A identidade heterossexual é quase tão nova quanto a identidade homossexual e, talvez, poucxs saibam que ela também surgiu como uma doença. Antes da invenção da psiquiatria, Deus não sabia distinguir:

"Portanto, devemos atribuir sua origem à indignação e permissão do criador e provedor de todas as coisas, o qual, para referir à volúpia demasiado lasciva, petulante e libidinosa dos homens, permitiu que tal doença imperasse entre eles, como vingança e punição pelo enorme pecado da luxúria. Foi assim que Deus ordenou a Moisés que jogasse pólvora ao ar na presença do Faraó a fim de que em

toda a terra do Egito os homens e outros animais
ficassem cobertos por apóstemas"

Cito essa passagem pelo que ela tem de "atual", pois certamente vocês acreditariam se eu dissesse que quem a proferiu foi Marcos Feliciano ou qualquer um desses pastores genéricos que estão em todas as partes, do Congresso a nossa esquina. Com certeza sem o requinte classicista. Contudo, essa citação está numa obra antiga, de 1596 de um tal Thierry de Hery, em *La méthode curative de la maladie vénérienne*. Como vocês podem notar, no fim da Renascença ainda não havia uma doença de homossexuais, pois ainda não existiam homossexuais, e notem que já havia descido Jesus na Terra, e João (que não era o apóstolo de Jesus), havia já descoberto o uso recreativo dos *Psilocybe mexicana*. Toda e qualquer referência a homossexuais na Bíblia é absolutamente falsa, no sentido do uso do termo "homossexual". Como vivemos numa democracia burguesa, onde muita gente ainda acredita ter "direitos", acredita que podemos lutar, votar, tentar casar e adotar filhos como os antes doentes heterossexuais (vejam *A Invenção da*

Heterossexualidade, de Jonathan Katz), talvez fiquem aliviados ao prestarem um pouco mais de atenção na fatídica passagem do novo testamento que condena, definitivamente, "os homossexuais" ao inferno:

"Vocês não sabem que os perversos não herdarão o Reino de Deus? Não se deixem enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos e, nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus." 1Cor.6:9-10

Essa passagem é curiosa, eu a busquei aleatoriamente, sem confirmar a fonte. É interessante porque claramente notamos que por conta própria decidiram fazer a "leve" alteração de "sodomita" para *homossexual* e, para não deixar qualquer esperança para os ativos machões comedores, especificaram as diferentes práticas. Faltou escrever "dar ou comer cu de homem". Sabemos que sodomita era um termo sem gênero, não designava homem necessariamente. Qualquer umx que que tomasse no cu era sodomita, homens ou mulheres. Infelizmente, é com pesar que descubro,

através dessa passagem, que não encontrarei minhas amigas lésbicas no inferno, elas ainda não existem nem na Bíblia, ao menos como uma identidade. Mas isso tudo não é novidade, o que me parece mais interessante nessa passagem é essa democracia liberal burguesa, de certa forma. Vejam como é inclusivo o inferno! Teremos que, mesmo no inferno, continuar a conviver com pastorxs, com evangélicxs, católicxs, etc; todo tipo de ser humano, porque o inferno é bastante democrático. Portanto, para as bichas que se adoram democráticas, respirem aliviadas!

Passemos para a próxima passagem paradigmática:

"Também sabemos que ela (a lei) não é feita para os justos, mas para os transgressores e insubordinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreverentes, para os que matam pai e mãe, para os homicidas, para os que praticam imoralidade sexual e os homossexuais, para os sequestradores, para os mentirosos e os que juram falsamente; e para todo aquele que se opõe à sã doutrina."1Tim. 1:9-10

Vocês nunca mentiram? Nesse caso fiquem aliviados, a lei não é para vocês! Mas aqui, mais uma vez encontramos essa identidade que havia surgido apenas com a literatura médica do século XIX, na Europa, com a ascensão da burguesia ao poder. Percebemos essa estratégia semiótica completamente anacrônica, como forma de capturar esses sujeitos que agora podem ser delimitados por uma identidade facilmente localizável que antes não existia. Vemos um recurso linguístico ser arbitrariamente utilizado para fins de controle político. E para não deixar de lado outra citação que é bastante utilizada, vejamos:

"Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão." Rm.1:26-27

Seja como referência à lava vulcânica de Sodoma, ou mesmo uma percepção do coito como um castigo em si, nesse caso temos de fato a menção às práticas sexuais e não às identidades, como nas passagens anteriores. Não nos interessa questões metafísicas a esse respeito, mas sim essa terminologia que hora se refere a um termo que é uma impossibilidade no contexto bíblico, ou seja, anacrônico, como o termo *homossexual*. Nas passagens onde se referem a "homossexuais", foi retirada a outra palavra, "efeminados", provavelmente porque até mesmo os revisores e editores da Bíblia devem ter lido *Problemas de Gênero*, de Judith Butler, já um clássico. A partir dessa obra entendemos perfeitamente que a construção social do gênero nem sempre condiz com a prática sexual. Portanto, é perfeitamente possível ter trejeitos e ser um "homem" efeminado, sem que com isso você goste de dar a bunda. Ou o contrário, que é igualmente interessante: você pode ser o perfeito homem viril e adorar que "sua" mulher coma seu cu e enfie uns brinquedinhos, sem que com isso você se torne um homossexual.

Bem, tudo isso é uma banalidade, mas serve para o que quero retomar mais cuidadosamente a partir de agora, já que falaremos do momento em que a AIDS surge. Pois, como já dissemos anteriormente, a AIDS é uma doença de "heterossexuais", ou seja, é uma doença criada por heterossexuais. E aqui não estou fazendo ainda alusão ao fato de que a AIDS é uma mentira e que ela não existe, nada disso. Ela é literalmente "inventada" como um discurso por médicos "heterossexuais", uma vez que ela é atribuída à homossexuais. A primeira coisa que vamos perceber é que xs religiososxs fervorosxs não podem insistir que seja uma punição às bichas, uma vez que já sabemos que a menção à nossa identidade é uma armadilha semiótica de baixo nível, pouco inventiva e facilmente desmontada. Isso até pode parecer óbvio hoje, mas não era quando o Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio Sales, fez questão de se posicionar politicamente em relação a ainda "Peste Gay", dizendo que a "Natureza, violentada, vingá-se e quando o faz é terrível". Disse também que ela "cai como um raio na humanidade" fazendo com que haja "uma

moralização forçada"; definiu a doença como um "chicote que acorda os recalcitrantes".

Ao falar desse momento tático da AIDS, desse primeiro momento, é certo dizer que o fantasma, o Ciclope, começa a tomar forma através das narrativas basicamente religiosas sobre a síndrome. Ainda que muita gente não saiba detalhes históricos dos primeiros casos no Brasil e no mundo, do mito criado sobre o primeiro portador malévolos que espalhou sem piedade uma doença que surgiu do contágio de um chimpanzé com um caçador, provavelmente no paleolítico⁴, e coisas tão estapafúrdias quanto essa, voltar a todos esses detalhes não ajuda muito agora, mesmo porque não há nada de novo no que já foi dito e escrito sobre essas épocas. E por isso falo de uma teia que não está ainda armada, o fio de Ariadne apenas agora parece ter sido encontrado.

Talvez minha hipótese seja agora mais facilmente imaginável, já que reiteramos o caráter pouco inovador das instituições religiosas, que

4 <http://www.upworthy.com/aids-has-killed-almost-36-million-people-but-i-bet-youve-never-heard-the-real-origin-story-2?c=ufb1>

aparentemente se recusam a inovar em suas táticas de manipulação semiótico-técnicas. Apesar dessa deficiência imaginativa, não podemos subestimar - olhando para os efeitos pujantes da exclusão e repatologização da identidade homossexual - o êxito que a moral cristã obteve ao se utilizar dessa identidade que sequer existia no contexto bíblico. Mesmo sendo proferida em contextos mais psiquiatrizados do que religiosos, arriscaria dizer que o principal efeito, a principal manobra desse poder normatizador que se produziu com a AIDS, foi a reinscrição dessa figura insistente e temida que era *o homossexual*. Buscando elementos semióticos que jaziam adormecidos no imaginário cultural - não sem essa retórica pouco inventiva do castigo divino - eis que vemos descer como um relâmpago sobre o corpo social essa verdade raio, que ilumina de cima para baixo, não deixando a menor possibilidade de refúgio identitário, nos dizendo, nos reinventando, nos colocando nessa quarentena epistemológica que traduziu uma verdade médica para o cidadão leigo. Os sãos são agora os cidadãos heterossexuais, subitamente forçados a retornar para o abrigo seguro

que é a essência imutável de uma sexualidade tornada novamente divina às custas dos mais novos bodes expiatórios do século XX.

Vemos aos poucos se constituir esse espaço de delimitação identitária que substancialmente existia apenas nos contextos médicos. Não exclusivamente, isso é certo, mas a popularização do privilégio conferido a uma identidade previamente patológica, como era a heterossexualidade, só pôde se cristalizar através desse pavor artificialmente inflado pelas instituições médicas e midiáticas. Sontag já nos havia alertado sobre esse lugar reconquistado pela Aids, de grande estigmatizadora que se instalou no lugar do Câncer. Diante do poder significante e significador dessa tecnologia discursiva, Sontag se viu mais uma vez levada a escrever sobre a Doença e suas metáforas, tarefa que ela já havia feito sobre o Câncer, mas ao presenciar os efeitos contaminadores do discurso da AIDS, entendeu que o Câncer não era mais a nova Lepra ou mesmo a nova tuberculose ou qualquer das antigas doenças estigmatizantes, mas sim, essa peste gay.

As testemunhas modestas de Donna Haraway precisam sair do anonimato e fazer materializar no imaginário social a identidade heterossexual. A heterossexualidade, para existir enquanto banalidade, buscou na loucura tornada doença mental sua fonte epistêmica. Numa estratégia discursiva retroalimentadora, o aidético como figurante abominável precisa do "hermafrodita psíquico", que precisa do doente mental, retornando para esse grande círculo dantesco que assombra mesmo a ciência. É possível dizer que a AIDS é uma farsa, na medida que ela só existe apoiada nesse tripé fictício do aidético-homossexual-doente mental. Como já havia mostrado Foucault:

"Estranha superfície, a que comporta as medidas de internamento. Doentes venéreos, devassos, dissipadores, homossexuais, blasfemadores, alquimistas, libertinos: toda uma população matizada se vê repentinamente, na segunda metade do século XVII, rejeitada para além de uma linha de divisão, e reclusa em asilos que se tornarão, em um ou dois séculos, os campos fechados da loucura.

Bruscamente, um espaço social se abre e se delimita: não é exatamente o da miséria, embora tenha nascido da grande inquietação com a pobreza. Nem exatamente o da doença, e no entanto, será um dia por ela confiscado. Remete-nos, antes, a uma singular sensibilidade, própria da era clássica. Não se trata de um gesto negativo de "pôr de lado", mas de todo um conjunto de operações que elaboram em surdina, durante um século e meio, o domínio da experiência onde a loucura irá reconhecer-se, antes de apossar-se dele." História da loucura, p. 102.

É a grande loucura que é a Aids, se ignorarmos as descontinuidades que alojam e recortam em suas jaulas específicas, os animais humanos desses grandes laboratórios discursivos. Para ser aidético, há que ser homossexual e no limite, doente mental, louco. Não deve ter sido muito difícil para essas testemunhas modestas criar a identidade homossexual a partir da doença mental, uma vez que as práticas homossexuais ou dissidentes criam um desarranjo na coerência dessa norma heterossexual, e é, em último caso, loucura, pois que ininteligível. Fica mais fácil perceber o grande estigma que foi o da Aids,

pois arrasta consigo um passado de marcas e significações negativizantes. Alguém não é portanto apenas aidético, é homossexual, perverso, sodomita, louco, quem sabe até mesmo leproso.

Também com o surgimento desta tecnologia dilacerante no início da década de oitenta, vemos delinear-se um espaço de exclusão e segregação que não é certamente o do confinamento ou internamento, como na era clássica; também não está lado a lado com a questão puramente economicista, como já desmembramos no capítulo anterior. Esse espaço é antes, uma tecnologia produtora de novos corpos, novas identidades, uma vez que reinstaura a antiga preocupação com a saúde do corpo social, com o fazer viver. Há como que um conteúdo secreto por trás das técnicas de produção de verdade da Aids que reajusta as práticas às identidades, devolve a heterossexualidade para o lado são do corpo social, e marca definitivamente a homossexualidade como a nova lepra. É portanto uma estratégia completa e eficiente no sentido de estremecer como um abalo sísmico as questões que vão desde o funcionamento do capitalismo

e do Estado ameaçado pelas subjetividades subversivas que emergiam da década de setenta, até a regulação do modelo de família e sexualidade exigidas para o bom funcionamento das sociedades de controle. E claro, criando da noite para o dia uma indústria bilionária.

O Romantismo da Aids

O aparato semiótico-técnico a serviço do CMI (Capitalismo Mundial Integrado) pode facilmente nos distrair com sua linguagem absurda e mirabolante, nos impedindo de enxergar o verdadeiro pano de fundo político que pairava especialmente nos fins da década de 70 e início dos anos 80. Uma amostra dessa máquina discursiva foi primeiramente exposta por Sontag de forma verdadeiramente genial e por isso ninguém melhor do que ela desvendou as metáforas políticas por trás da doença. Sontag podia ver a artificialidade do regime semiótico, porém, a efervescência midiática era como uma névoa naquele cenário. A névoa se dissipou e olhamos estarecidos para a estratégia global de dominação e controle que

pensou cada detalhe, cada etapa da doença, cada efeito de produção, de positivação de uma agenda política com objetivos precisos. E é nesse sentido que nossa biruta ideológica nos aponta, na direção dos efeitos de produção de capital, de identidades políticas manejáveis, de corpos controlados pelo biopoder, pela medicina, fixando o regime heterossexual com uma eficiência que deixaria os nazistas com inveja. Essa maquinaria produtora de signos e de uma semiótica inacessível para sujeitxs de outras epistemes, foi uma estratégia que reinou durante um bom tempo, até o surgimento do corpo médico dissidente.

Para que tenham uma ideia desse mecanismo terrorista discursivo, vale a pena citar Sontag na íntegra quando a mesma faz uma incursão pelo emaranhado de termos, conceitos e enunciados médicos estampados na "prestigiosa" *Science*:

"Na descrição da Aids, o inimigo é o que causa a doença, um agente infeccioso que vem 'de fora':

'O inimigo é pequeno, cerca de 1/16.000 da cabeça de um alfinete. Guardiões do nosso sistema imunológico, grandes células chamadas macrófagos, sentem a presença do diminuto estrangeiro e prontamente alertam o sistema imunológico. Ele começa a mobilizar uma infinidade de células que, entre outras coisas, produzem anti-corpos para lutar contra a ameaça. Possuindo uma mente própria, o vírus ignora várias células vermelhas no seu caminho, invade as defensoras que avançam rapidamente e se aloja na coordenadora chefe do sistema imunológico, a célula T ajudante.' Essa é a linguagem da paranoia política com sua característica desconfiança num mundo plural. Um sistema imunológico que consiste de células que, entre outras coisas, produzem anticorpos para lutar contra uma ameaça, não é, previsivelmente, pário para um invasor que se movimenta segundo sua própria lógica. E o sabor de ficção científica, já presente no discurso sobre o câncer, fica ainda mais pungente nos relatos da Aids. Neste relato de 1986 da Revista Science, a infecção é descrita como uma guerra altamente tecnológica contra qual estamos sendo preparados pelas fantasias de novos líderes e por vídeos de entretenimento. Na era de

Guerra nas Estrelas e Invasores do Espaço, a Aids tem provado ser a doença idealmente compreendida:

'Na superfície da célula encontra um receptor no qual um de seus envelopes protéicos se encaixa perfeitamente, como uma chave na fechadura. A membrana celular tem sua camada protetora removida neste processo. Na sequência, o invasor firma residência permanente através de um tipo de invasão alienígena já familiar nas narrativas de ficção científica. As próprias células do corpo se tornam invasoras. Com a ajuda de uma enzima que o vírus carrega consigo, [...] o vírus despido, converte seu RNA em DNA, a molécula mestre da vida. A molécula penetra então o núcleo da célula, se insere num cromossomo e domina parte da maquinaria celular, manipulando-a para que produza mais vírus da AIDS. Eventualmente, derrotada por seu fruto alienígena, a célula infla e morre, liberando uma enxurrada de novos vírus que atacam outras células.' " Susan Sontag

Podemos pensar a partir dessa amostra, que a tentativa de produzir em discurso um sujeito microscópico com tantas qualidades, com uma

personalidade tão subversiva é praticamente a mimese do teatro sociológico representado por esses sujeitos marcados pela liturgia médica no que concerne a verdade de suas identidades. Ao dizer que esse vírus é um invasor, diz-se subrepticamente, que os homossexuais são esses elementos invasores de uma sociedade sã, e que se movimentam de acordo com sua própria lógica, uma vez que a lógica da sociedade é a heterossexualidade. As grandes células macrófagas são os próprios conglomerados de cientistas em função desse organismo médico, que foi alertado e agora, com a produção desse novo tipo de conhecimento, alertaram os cidadãos de bem. A metáfora virótica é no entanto algo positivo também. Poder se movimentar nesse corpo social de forma a se reinventar perpetuamente me parece um devir bastante interessante. Essa qualidade virulenta precisa ser mantida a qualquer custo. Somos RNA convertendo DNA, sujando e ameaçando o puritanismo quase genético de uma identidade. Somos essa ameaça viva a um humanismo que se pretende verdade às custas dessa patologização. Somos vírus!

Gostaria de traçar um paralelo entre o mal do século XIX e o mal do século XX. No capítulo AIDS ou IDS⁵ eu já havia iniciado a provocação ao comparar os boêmios do século XX com os boêmios do século XIX. Os nomes mais notórios que padeceram da síndrome da imunodeficiência no romantismo são os dos poetas. A lista não é curta, destacando-se Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Antonio Augusto Soares de Passos, Júlio Diniz, Castro Alves, José de Alencar, Cesário Verde, Adelino Fontoura. Quase todos morreram de tuberculose.

Baudelaire, Flaubert, Schubert: sífilis. Schumann tinha sífilis e morreu de Pneumonia. Maupassant e Nietzsche ambos enlouqueceram e morreram com sífilis. A loucura de Van Gogh também seria fruto da sífilis. Oscar Wilde teria morrido de uma meningite causada também pela sífilis. Esses nomes são suficientes para mostrar que há uma relação entre a causa da morte e um certo estilo de vida. É sabido que grande parte desses célebres personagens do romantismo não tinham apreço pela vida e abusavam de imunossupressores como

5 <http://contracondutasdaaids.blogspot.com/2015/03/aids-ou-ids.html>

ópio, álcool e tabaco, etc. e que viviam desregradamente, se cuidando muito pouco. Ora, o que estamos sugerindo é literalmente que entre as vítimas desse período e as vítimas da década de 80 do século XX, muito provavelmente só havia uma diferença: os tipos de imunossupressores utilizados.

O romantismo em si era o mal do século, que poderia, em termos de estrutura, se caracterizar pelas doenças psíquicas (como vimos muitos enlouqueciam), pela morbidez, o sentido trágico da vida, os "desvios" de moral e comportamento, degeneração, solidão. Não podemos esquecer de que esse século foi justamente o qual a burguesia domina, em todos os sentidos: políticos, econômicos e morais. Um processo que se inicia anteriormente, mas que chega em plena forma no século XIX, como dirá Foucault:

"[...] uma das formas primordiais da consciência de classe é a afirmação do corpo; pelo menos foi esse o caso da burguesia no decorrer do século XVIII; ela converteu o sangue azul dos nobres em um organismo são e uma sexualidade sadia opondo "ao

sangue valoroso dos nobres, seu próprio corpo e sua sexualidade preciosa" p. 120, História da Sexualidade vl 1.

Seja através de um alegado vírus ou pela segregação de dissidentes por uma ordem política, econômica e moral, o fato é que do entrelaçamento do estigma com a recusa, surge um horizonte sombrio. O que quero dizer é que não poderia ser mera coincidência um movimento político de contestação, tanto no século XIX quanto no século XX, que leva à morte pelas mesmas causas os sujeitos que de certa forma não se integravam no seio da sociedade capitalista consumista. No caso do mal do século XIX, os românticos e boêmios não haviam aderido à lógica do "trabalho dignifica o homem" e moralmente eram uma abominação, uma ameaça às boas famílias. Byron era conhecido por ser o terror dos homens bem casados, pela fama de destruidor de lares. Um certo niilismo como forma de resistência, surgia, então, desse embate entre um poder que se fixava principalmente através de valores cristãos e capitalistas. Mas por que um vírus no século XX e não no século XIX?

Como já tratamos anteriormente, do início das mortes em 1981 até o pronunciamento "oficial", a única verdade que havia sobre a Aids é que se tratava de uma peste gay ou de um câncer gay. Nenhuma "verdade" científica surge durante esses quase quatro anos de intenso bombardeio televisivo sobre a doença. Não esqueçamos também que não havia facebook naquela época. A televisão reinava absoluta como técnica terrorista-midiática para formatação de subjetividades:

"A doença é 100% letal e pavorosa. Suas manifestações – sucessivas infecções que invadem o corpo desprovido das suas defesas imunológicas, como o sarcoma de Kaposi (uma espécie de câncer de pele) e outras doenças – são particularmente impressionantes. Essa impressão extravasa a assepsia da cena médica, para se estender às mídias como um espetáculo de horror. Nas telas, imagens da vaporosa frivolidade do agora enfraquecido gueto gay se alternam com martírios de hospital. Mais sutilmente, algum especial da TV contrapunha as arrepiantes informações a ternos instantâneos de

casais com filhos – como se a paz familiar fosse ameaçada pelo novo demônio." Nestor Perlongher

Imaginem se no cenário romântico do século XIX houvesse já essa tecnologia, e se assim como focaram as atenções em algumas poucas pessoas, esses boêmios drogados de Nova York e São Francisco, também focassem sua atenção nesse grupo de poetas que morriam tão cedo com doenças oportunistas. Será que se perguntariam se não era um vírus? De onde surge a ficção virótica para algo que sempre existiu? A IDS sempre existiu, a Síndrome da Imunodeficiência jamais foi algo novo.

Para xs que estão atentxs aos bastidores do "Ser ou Não Ser" um vírus, não é novidade o cenário de disputa que existia para uma cura do Câncer. Muito bem desbravado por Susan Sontag, o Câncer era a grande ameaça e estigma da humanidade, especialmente pelo fato de que ele não distinguia classe social, idade, gênero, raça ou credo. O câncer de fato é a doença mais democrática que já existiu. Uma carga de culpa muito grande ainda recai sobre muitas pessoas

com câncer devido a culpa cristã que carregamos nas sociedades ocidentais, uma vez que se atribui uma auto-responsabilização pela doença. Não raro, se diz de alguém com câncer, que se guardava muitos sentimentos ruins ou negativos. Mas isso muda de figura quando a AIDS entra em cena, pois agora temos os únicos culpados de um câncer gay. Suplanta-se essa culpa às custas dos novos bodes expiatórios e o câncer gay não é nada menos do que essa tentativa de expurgação do câncer. Se com os tumores malignos a culpa era horizontal, com o câncer gay verticaliza-se essa responsabilidade por um castigo divino. Vemos então o quão bem arquitetado é essa manobra que envolve reestruturações simbólicas, identidades e práticas sexuais, governo dos vivos e giro de capital.

Novamente entramos nas questões que anteriormente sublinhamos, que são as estratégias pelas quais um discurso, uma "verdade" pode se formar em meio um cenário de disputas e exclusões. O humanismo criado por nossas sociedades ocidentais, pelxs nossxs colonizadorxs, só é possível através da exclusão de

uma boa parte de evidências e por que não, de outros "pedaços" de verdades. Foi assim que Foucault pôde fazer uma *História da Loucura*, mostrando que o saber que se forma como uma fagocitose no entorno desse objeto, se materializa às custas da eliminação da desrazão pela "razão". De forma análoga, pela exclusão de elementos discursivos contrários à razão do poder médico estabelecido, que funciona como tentáculo do Biopoder, eliminar do discurso oficial os enunciados que a contradiziam foi fundamental. Não apenas eliminar, mas criar uma estrutura que de certa forma enxerga essas evidências como uma "dissonância cognitiva", para usar um termo caro à Frantz Fanon. É ele que diz:

“Por vezes, as pessoas detêm uma crença basilar muito forte. Perante provas que colocam em causa esse princípio, essas novas provas não podem ser aceites. Tal criaria um sentimento extremamente desconfortável, designado de dissonância cognitiva. E, uma vez que a proteção desse princípio assume uma enorme relevância, eles irão racionalizar, ignorar e até negar qualquer coisa que não caiba nessa crença”. Frantz Fanon, *Os condenados da Terra*

Ou, nas palavras de Jota Mombaça, que no momento está pensando uma "Teratologia Soropositiva":

"Seria possível encontrar, ao redor do mundo, uma série de outras dimensões políticas não registradas pelos discursos historiográficos hegemônicos. É fato que este silenciamento das vozes e gestos subalternos tem sido, em grande medida, o responsável pela construção de versões "transparentes" de fatos históricos ligados aos sujeitos geográfica, racial e sexualmente não-hegemônicos. O que não significa que esses sujeitos não tenham, a seu modo, querido marcar, nas teias da história, sua diferença." J Mombaça, Pode um cu mestiço falar?⁶

É o momento de fato em que toda essa historiografia lateral, colocada em quarentena política, entra em cena. Não que não tenhamos feito isso desde o início, mas intencionamos entrar mais abissalmente nos assuntos sacralizados pelo panteão médico.

6 <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>